

A P R E S E N T A Ç Ã O

Em 2010, por ocasião da nova versão do sítio eletrônico *O Arquivo Nacional e a História Luso-Brasileira*, organizou-se o II Seminário de História Luso-Brasileira que abordou o tema arte e cultura na experiência colonial, privilegiando a produção acadêmica em torno da iconografia, da arquitetura, da literatura, do teatro e da música no período do Brasil colônia.

Este número de *Acervo* reúne as conferências e palestras apresentadas por especialistas no temário do seminário, que teve como proposta pensar a experiência colonial e as sociedades da Europa moderna por meio da arte e da cultura em suas manifestações diversas.

A conferência de Jean Marcel Carvalho França, que deu início ao Seminário e abre este número da revista, abordou as narrativas dos homens do Velho Mundo sobre o Brasil e seus povos e a construção de um vocabulário próprio para incorporar essas impressões ao repertório intelectual europeu. Os primeiros escritos circularam no século XVI, desde a notícia sobre as terras descobertas por Cabral em 1507, e foram sucedidos por diversas obras, algumas de

grande acolhida, de autoria de franceses, italianos e outros como Hans Staden, até 1576, quando a publicação de Gândavo introduz uma narrativa lusa entre esses títulos de viagens. A literatura de viagens até o século XIX inclui aqueles livros que, produzidos em séculos precedentes, só chegaram ao público no oitocentos, apresentados neste artigo também pelas suas nacionalidades e regiões percorridas. É dessa longa narrativa sobre o Brasil por três séculos que os europeus se alimentaram e de que trata seu artigo.

É no período joanino que o Rio de Janeiro conhece uma série de normas de civilidade – termo relacionado à *cidade* e à *polícia* –, aplicadas às formas de sociabilidade urbana. Leila Algranti dedicou-se, em sua conferência, a essas transformações, examinando o funcionamento das tabernas e botequins e, especialmente, o consumo de bebidas, caracterizando um tipo de consumo “voluntário” que desempenha, assim, um papel social. Para essa análise, Algranti destaca a riqueza de informações nos fundos documentais da Intendência da Polícia da Corte e da Mesa do Desembargo do Paço, integrantes do acervo do Arquivo Nacional.

Os temas urbanização e arquitetura estão igualmente presentes nos textos de Pablo Diener e Maria Angélica da Silva. O primeiro autor analisa as imagens dos núcleos urbanos setecentistas registradas na *Via-gem filosófica à América portuguesa* de Alexandre Rodrigues Ferreira. Elaboradas pelos ilustradores e riscadores de formação Joaquim José Codina e José Joaquim Freire, são também representações do espaço colonial amazônico ocupado por parte da metrópole e constituem manifestações de uma linguagem visual própria da produção de expedições científicas daquela época. Maria Angélica volta sua análise para uma outra região do Brasil colonial: o Nordeste. Registros textuais e iconográficos portugueses e holandeses descerram fatos urbanísticos e de arquitetura surpreendentes, a exemplo da primeira ponte do Brasil, mandada construir por Maurício de Nassau, que ligava a sede do governo holandês na ilha de Santo Antônio à cidade do Recife.

Evelyn Furquim faz uma apreciação dos teatros e casas de ópera no Brasil do século XVIII e início do XIX e um balanço das atividades teatrais e musicais da colônia, refutando a tese de um “vazio teatral”. Ao contrário, diz a autora, além da efervescência cultural, também a construção de teatros e óperas no litoral e nas cidades da região aurífica se intensifica, mostrando ainda uma influência das ideias iluministas. Em outra perspectiva, a da educação e das práticas jesuíticas no Brasil, as atividades musicais são tema do artigo de Marcos Tadeu Holler que desenvolve pesquisa histórico-musicológica, sublinhando

a importância de uma história da música fundamentada em documentos musicais e textuais.

Percebe-se a influência da Igreja católica no mundo europeu e colonial dos séculos XVII e XVIII em diferentes manifestações culturais como a música e a pintura. O artigo de Beatriz Catão apresenta os vilancicos de tradição ibérica como relevantes formas de transmissão e perpetuação de uma expressão religiosa retratada pela biografia de santos e pelo louvor à sua santidade. A catequese e difusão da doutrina católica tridentina encontrariam na pintura colonial um instrumento, como analisa Raquel Quinet Pifano. Submetida à ordem do discurso e da gravura, cumpriu assim uma função narrativa, traduzindo visualmente os códigos letrados, os preceitos artísticos e religiosos, como se pode apreender no estudo da pintura de Manuel da Costa Ataíde em Ouro Preto.

O livro de Laura de Mello e Souza sobre o poeta inconfidente Cláudio Manuel da Costa complementa esse quadro, evidenciando a importância da biografia na historiografia brasileira e respondendo ao tema da literatura. Mariana Lambert, autora da resenha, sintetiza os impasses da biografia combinada à imaginação histórica e aqueles vividos pelo artista, “marcado pela permanente tensão entre o mundo da natureza, da paisagem mineira, e o mundo da cultura, das cidades, dicotomia que se revela em sua obra poética”.

Claudia Beatriz Heynemann
Maria Elizabeth Brêa Monteiro